

Chico Batera junta samba, rap e ritmos latinos em single

PÁGINA 3



Dira Paes estreia na direção com o longa 'Pasárgada'

PÁGINA 6

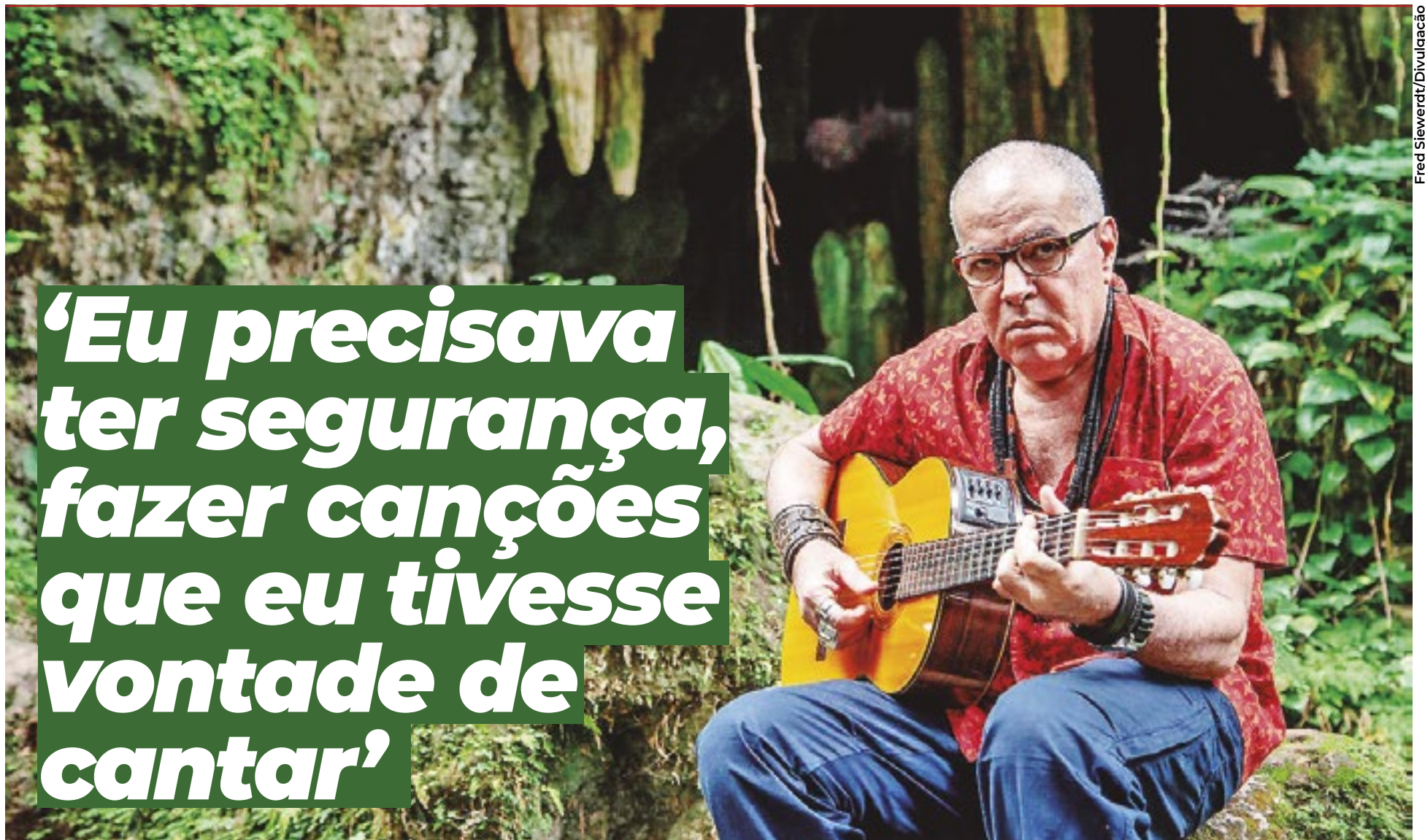


Musical sobre Leci Brandão em nova temporada carioca

PÁGINA 7



## 2º CADERNO



Fred Siewerdt/Divulgação

**'Eu precisava ter segurança, fazer canções que eu tivesse vontade de cantar'**

César Mendes, violonista admirado por João Gilberto e Caetano, faz turnê própria

Por **Leonardo Lichote** (Folhapress)

**P**arceiro de artistas como Caetano Veloso e Arnaldo Antunes, gravado por intérpretes como Gal Costa e Marisa Monte, vencedor de Grammy Latino como compositor, o santamarense César Mendes é admirado por seus colegas e tem um punhado respeitável de canções. Apenas em fevereiro, porém, estreou um show seu. O espetáculo, batizado de "Depois Enfim", já passou por Salvador, Rio e São Paulo.

Perguntado sobre porque decidiu levar ele mesmo suas canções ao palco, Mendes responde meio brincando, meio a sério: "O compositor está passando fome, meu querido. Você não subiu no palco, não ganha dinheiro". Na sequência, ele avança em outros motivos para a estreia tardia. "Eu precisava ter segurança, fazer canções que eu tivesse vontade de cantar".

Sua primeira plateia contribuiu enormemente para afastar dele qualquer insegurança. "Quando me convidaram para fazer o show na Casa Rosa [em Salvador], eu pedi a Caetano para me ajudar a montar o roteiro, o que ele faz melhor do que ninguém", diz Mendes. "Uma noite ele foi no meu quarto

para ouvir o que eu estava preparando. Sentou e eu comecei a tocar. Quando vi, ele estava chorando. Disse: 'Eu nunca tinha ouvido você tocando suas músicas assim, juntas'".

O roteiro inclui a primeira canção composta por Mendes, exatamente com Caetano: "Aquele Frevo Axé", que batizou um álbum de Gal. Mendes já tocava violão desde menino, e era conhecido como professor do instrumento - já deu aulas para Maria Bethânia, Bem Gil e Moreno Veloso, entre outros. Mas não se via capaz de compor. "Eu achava tão poucas notas, parecia que era tudo tão repetido", lembra o artista.

**Continua na página seguinte**



## CORREIO CULTURAL



Divulgação

Teresa Cristina se emocionou com os alunos

## Teresa Cristina acompanha competição de estudantes

A cantora e compositora Teresa Cristina vai participar do programa Desafio nas Escolas (Canal Futura), em sua terceira temporada. A sambista acompanhará uma competição de marchinhas criadas por alunos do ensino médio do Colégio Estadual Professora Luiza Marinho, em Oswaldo Cruz. As letras foram escritas pelos estu-

dantes, que receberam dicas de compositores da Portela. “Estou muito feliz em estar aqui vendo uma escola pública promovendo uma ação voltada para o samba, valorizando e preservando este ritmo que é nosso patrimônio cultural. Isso me emociona muito”, disse a cantora, que também estudou em escola pública.

### Forte desejo

Leticia Colin está escalada para a próxima novela das 18h, “Garota do Momento”, mas sabe que existe uma torcida para que fosse escolhida para interpretar Heleninha Roitman no remake de “Vale Tudo”: “Não fui chamada para testes, mas faria correndo”.

### Fechou parceria

Lady Gaga e Bruno Mars confirmaram os rumores de uma parceria ao anunciarem o lançamento do single “Die With a Smile”. Os rumores de que poderiam fazer algo juntos surgiu quando Mars disse, em entrevista, que adoraria uma parceria com Gaga.

### Fofoqueiro

Gil do Vigor está prestes a fazer sua estreia como ator em uma novela. Apesar de não ter formação na área nem registro profissional, o ex-BBB irá atuar em algumas cenas de “Família é Tudo” como um fofoqueiro de TV em participação especial.

### Reabertura

Após mais de 100 dias fechada devido à enchente que inundou o centro de Porto Alegre, a Casa de Cultura Mario Quintana reabriu. O tradicional prédio cor-de-rosa passou por uma reforma extensa para consertar os danos causados pelas águas.

# Primeira composição teve Caetano como parceiro

João Franco/Divulgação

**C**ézar Mendes conta que foi Paula Lavigne quem lhe sugeriu fazer uma música com Caetano, em 1997. “Falei pra mim mesmo: ‘Você tá louco, cara?’ Eu nunca tinha feito nada. Mas aí entrei num ônibus pra Itapuã e quando cheguei no meio do caminho, a melodia estava pronta, inteira”.

Desde então, tem sido assim com ele. O compositor de 73 anos não tem nenhuma disciplina em seu ofício, apenas recebe a inspiração quando ela chega. “O Roberto (Mendes, seu irmão) senta no cantinho dele ali todo dia e faz três, quatro músicas. Eu não consigo. A minha vem quando ela vem”, sintetiza.

Suas melodias carregam mesmo uma beleza de apelo direto e ar de standard, como se estivessem por aí há muito tempo mesmo quando você as ouve pela primeira vez. Sem malabarismos, com “poucas notas”, como ele diz. “São primas”, brinca ele. Os letristas - além dos citados Caetano e Arnaldo, a lista inclui Ronaldo Bastos, Tom Veloso, Marisa Monte, José Carlos Capinan e Zélia Duncan, entre outros - deitam seus versos ali com um conforto que chega ao ouvinte. Não há arestas. “São melodias redondas”, resume o compositor.

“Você não pode fazer melodia se não conhece Cole Porter e Carlos Lyra. É o mínimo”, diz Mendes, apontando duas referências centrais de sua música.

Como músico, ele tem experiência e já fez turnês com Adriana Calcanhotto e Tribalistas. Mas como artista principal, novato, a situação é diferente. A cada show, quando o nervosismo bate, ele lembra o porquê demorou tanto em se lançar na aventura de um show próprio. “Quando dá o ter-



Cézar Mendes e seu violão na praia de Itapuã, em Salvador

ceiro sinal, eu passo mal, vomito”, conta. “Na noite anterior não durmo, é uma desgraça”. Mas o prazer compensa. “Quem não gosta de aplausos?”

Nos shows da turnê, Cézar Mendes tem a companhia de Tom Veloso (violão) e Tomás Improta (piano), além de participações especiais eventuais nas cidades onde se apresenta. O filho mais novo de Caetano tem sido seu parceiro mais constante. Foi uma das parcerias da dupla, “Talvez”, lançada por Caetano e Tom, que ganhou o Grammy Latino de Gravação do Ano em 2021. A composição também está garantida no repertório.

Outra que tem presença certa é “João”, que o violonista compôs para João Gilberto, de quem o compositor se tornou amigo em seus últimos anos. A letra de Arnaldo celebra o baiano de Juazeiro: “Quando uma só pessoa/ O silêncio aperfeiçoa/ Toda a multidão/ Escuta o coração/ E se torna civilização”.

Agora que se assumiu como cantor, Mendes já tem novos pla-

nos na carreira. Atualmente, pensa em seu segundo disco, desta vez dando sua voz às composições - em seu primeiro álbum, de 2018, elas foram interpretadas por convidados como Djavan, Carminho e Fernanda Montenegro. Ele quer que a atriz marque presença também no novo disco, ao lado de artistas da nova geração. “Eu quero muito trabalhar com uma turma que tá chegando aí. Dora Morelenbaum, Zé Ibarra”, diz, referindo-se a dois artistas que integram o projeto Bala Desejo.

O músico conta que a coragem para cantar também veio de olhar para o cenário contemporâneo da música. “Estou vendo tanta gente cantando mal aí mesmo com ‘autotune’. Eu não desafino”, afirma. “E tem outra coisa: quando o compositor canta a música dele, você enxerga a música, a verdade dela”.

Diagnosticado com Parkinson, Mendes diz que a doença tem prejudicado sua locomoção e seu equilíbrio. “Mas você sabe que pra quem tem música na alma, tudo fica leve, né?”, diz. “O meu neurologista me falou: ‘A música vai te salvar’. É verdade”.

# Conexões sempre bem vindas

Um dos mais festejados instrumentistas brasileiros, Chico Batera conecta Madureira, Cuba e Estados Unidos em sua nova música, “Atrevida”, uma parceria com a rapper Lisa Castro, que acaba de chegar às plataformas de música. Aos 81 anos, o baterista de Chico Buarque sente-se renovado com o lançamento do single, que une a harmonia da música cubana que tanto o influenciou, a batucada do samba que corre em suas veias e a poesia do rap.

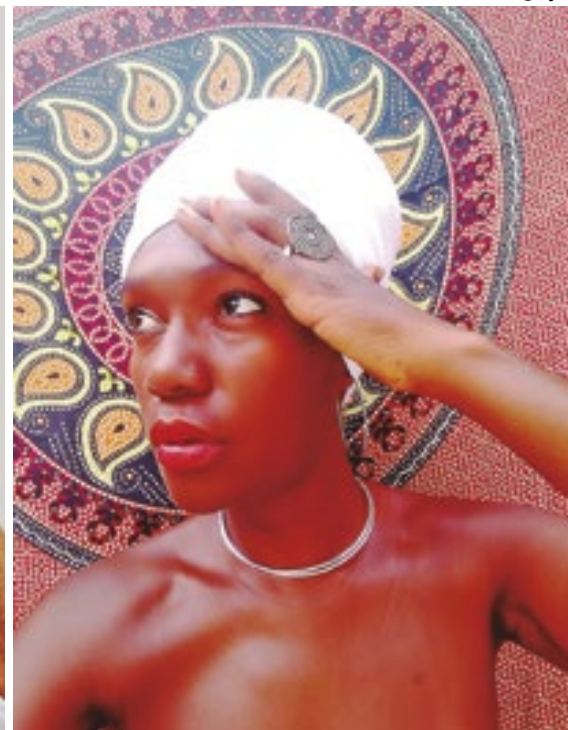
A novidade do gênero de ‘ritmo e poesia’ encaixou perfeitamente com a identidade musical e conceitual da composição, uma ode à mulher, inspirada na música “Eu quero essa mulher assim mesmo”, de Monsueto, porém sob uma ótica contemporânea e politizada. “Essa canção chegou numa hora importantíssima. Minha vontade de fazer uma coisa nova depois dessa idade era tão grande que não foi por acaso que pintou essa oportunidade do rap. A arte nunca chega de graça”, conta ele, que lançou ano passado o livro “Chico Batera: Memórias de um músico brasileiro” e o show “Chico Batera – 80 anos”.

Segundo o artista, o namoro do samba com a cultura musical norte-americana, em especial a black music, começou com nomes como Tim Maia, Cassiano e Banda Black Rio. Depois, nomes mais contemporâneos como Marcelo D2, Seu Jorge e Emicida trouxeram suas contribuições para o encontro dos gêneros. E em “Atrevida” esses rios desaguam, formando uma correnteza que atravessa a América Latina rumo aos Estados Unidos. “Todo baterista gosta de música cubana. Tenho uma afinidade e uma admiração pela musicalidade e resistência de lá. A cegonha quando me trouxe passou de raspão por

Chico Batera junta ritmos latinos com samba e rap em ‘Atrevida’, parceria com a cantora Lisa Castro



Divulgação



Divulgação

“Ela é uma mulher com representatividade, bem resolvida. Era o recado que eu queria dar. A mulher pode ser muito mais dona de si quando seu atrevimento é pessoal e social” Chico Batera

Havana e foi parar em Madureira, que até parece Cuba”, brinca o artista.

Chico, que conviveu com inúmeros músicos latinos quando viveu em Los Angeles, vê muita semelhança entre os países. “Não tem povo mais parecido com o brasileiro do que o cubano. A etnia é a mesma: África com Península Ibérica, Portugal, Indígenas. O brasileiro demora a se conscientizar que é latino”, acredita.

“É a primeira vez que me aventuro numa participação em um estilo musical diferente do meu. Ainda mais com um ícone como ele. Fiquei muito feliz com o convite” Lisa Castro

O encontro com a poetisa, MC e slammer da Baixada Fluminense Lisa Castro aconteceu através do produtor Geraldinho Magalhães, do selo Diversão e Arte, que lança o novo trabalho em parceria com a Virgin Music Group. Ao apresentar a artista ao compositor, a admiração mútua foi imediata e Lisa escreveu cirurgicamente os versos que interpretou sobre a presença e a potência feminina. “Considero a palavra atrevida como um adjetivo

de qualidade. Para mulheres pretas da Baixada Fluminense, como eu, ser atrevida, insolente, petulante é muito bom”, diz ela, que busca em seus trabalhos escrever de forma “simples, potente e engajada”, inspirada “na música e na vida” em mulheres como Nina Simone, Lauryn Hill, Conceição Evaristo, Elis Regina e Carolina Maria de Jesus.

Chico Batera derrama elogios à parceira e celebra o encontro com Lisa Castro. “Ela é uma mulher

com representatividade, bem resolvida. Era o recado que eu queria dar. Nos EUA o rap tem uma conotação mais politizada, de protesto. No Brasil, o funk, que se popularizou como expressão da periferia, nessa questão da mulher acabou indo para o lado da banalização, da pornografia. Não tenho nada contra bunda, mas acho que a mulher pode ser muito mais dona de si quando seu atrevimento é pessoal e social, sem agressão, para além do rebolado”, opina.

A cantora, por sua vez, agradece a oportunidade que a motivou a sair de sua “zona de conforto”. “Me senti muito honrada com o convite. É a primeira vez que me aventuro numa participação em um estilo musical diferente do meu. Ainda mais com um ícone como ele. Fiquei muito feliz”, diz Lisa, que já lançou os álbuns “O Sorriso da Monalisa”, “Em Negrito” e prepara seu próximo EP para este ano, enquanto cursa a faculdade de Pedagogia.

A ousadia de Chico Batera não se limitou à parceria com a cantora. O músico desenvolveu uma nova afinidade musical com o ritmista, percussionista e co-produtor musical a faixa Felipe Taulil. A gravação de “Atrevida” também contou com outros nomes da MPB contemporânea, como Mariana Braga (cavaquinho e vocal), os metais de Dudu Oliveira (Flauta), Wanderson (Trombone) e Wharson Cardoso (Sax Barítono), além da celebrada presença do saudoso Arthur Maia no baixo, última gravação do músico antes de falecer. Já Chico Batera foi responsável pelo Arranjo, vibrafone, vocal e percussão da canção. “A linha de sopro veio de minhas memórias musicais dos bailes com os músicos cubanos. São lindas”, lembra.

Ousado e atento, Chico Batera está sempre prestando atenção ao que acontece a seu redor. “Essa postura de ‘eu já vi de tudo’ é horrível! Sempre acontece coisas, sempre está acontecendo muita coisa”, filosofa. E se depender dele, essa bateria ainda fará muitas viradas surpreendentes. “Pra mim a hora é agora; se eu não fizer hoje, vou fazer quando?”, questiona o músico.



MUBI redescobre o drama francês ‘A Prece’, que evoca o cult de François Truffaut ao narrar o papel da religião na luta de jovens para sair do vício



Anthony Bajon é um jovem dependente químico que encontra paz na fé católica em ‘A Prece’, de Cédric Kahn

# Os incompreendidos da fé

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**I**mã de controvérsias por onde passa, com seu olhar crítico sobre o papel sociabilização das religiões, “A Prece” (“La Prière”) foi comparado a um clássico do cinema moderno – “Os Incompreendidos” (1959), de François Truffaut – em seu olhar sobre a juventude, referendado por uma série de elogios no Festival de Berlim de 2018. À época, saiu de lá com o prêmio de Melhor Interpretação, dado a Anthony Bajon (então com 24 anos), cuja comovente atuação como um delinquente juvenil assolado pelas drogas comoveu a capital alemã.

Mais recente experiência do

astro francês Cédric Kahn (de “A Economia do Amor”) na direção de longas-metragens, deste drama sobre redenção abriu debates quentes sobre a representação da Fé em todos os cantos onde foi exibido. Promete fazer o mesmo nas plataformas de streaming, ao ser redescoberto, seis anos depois de sua estreia, pela MUBI.

“Nosso empenho durante o processo de filmagem era conseguir que esta história sobre a luta de alguém que quer se desintoxicar possa tocar as pessoas de maneira universal, ao mostrar o descontrole das emoções”, disse Kahn ao Correio da Manhã, em recente entrevista, na França.

Respeitado como cineasta por longas como “A Vida Vai



Divulgação

Melhorar (2011), Khan visitou o Brasil em 2023, onde lançou a comédia dramática “Making Of”, no Festival Varilux. O ator e diretor surpreendeu a crítica com a maturidade com que conduz os planos de “A Prece”. O filme entra na grade do www.mubi.com no próximo dia 28.

“A proposta aqui não é julgar a Igreja, nem elogiar a dimensão redentora que um grupo religioso pode ter para alguém que está sofrendo. Meu foco se divide entre a autodescoberta e a solidão. É um filme sobre o calvário de sair de um inferno aberto por escolhas erradas”, disse o cineasta

francês, que só no fim de semana de estreia de seu longa na França arrebatou 86 mil pagantes.

Em “A Prece”, Kahn acompanha a perseverança de um grupo jovem da Igreja Católica, que tem na freira Myriam (a veterana cantora e atriz alemã Hannah Schygulla) uma referência de fé, para se livrar da tentação das drogas e do álcool. Muitos foram parar ali para se salvarem do vício, como é o caso do dependente químico Thomas (Anthony Bajon), agressivo diante da Palavra de Deus. De cara, o filme parece querer investigar o papel do Catolicismo e da liturgia de Cristo na recuperação de adolescentes. Mas, com poucos minutos, o cineasta deixa claro que a religião é só um detalhe ecumênico no arranjo narrativo seco que criou, lembrando o legado de Truffaut.

“Nos sets, Anthony realmente lembrava o personagem de Truffaut em ‘Os incompreendidos’, Antoine Doinel, que era o alter ego dele”, disse Kahn ao Correio. “Mas não fiz uma releitura muito consciente do que aprendi vendo Truffaut. A questão era simplicidade: olhar o realismo sem feri-lo com muitos adereços fabulares. Esse era o caminho para levar às telas o sacrifício da fé”.



Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

# 'Mandy' sai da jaula

Em meio a uma fase de consagração de Nicolas Cage, com 'Longlegs', um dos filmes mais aclamados do ator nos últimos 20 anos é redescoberto pelo streaming e vira cult

**E**nredado numa fase grotesca de escolhas profissionais infelizes desde 2010, Nicolas Cage hoje experimenta o gostinho do sucesso com a consagração do thriller "Longlegs – Vínculo Mortal", que se transformou no maior êxito recente de sua carreira, com quase US\$ 100 milhões em sua arrecadação. Com estreia marcada no Brasil para o dia 29, o filme traz o astro de 60 anos no papel de um serial killer assombroso, caçado pela agente do FBI Lee Harker (vivida por Maika Monroe).

O regresso ao holofotes do circuito americano fez com que um cult recente da carreira do ator, considerado por parte da crítica seu melhor trabalho nos anos 2010, fosse redescoberto pelas plataformas de streaming: "Mandy – Sede de Vingança" (2018). É possível vê-lo hoje na Amazon Prime, por aluguel ou compra.

Afogado em dívidas por conta de um acordo de separação que lhe custou milhões de dólares, Cage vinha no piloto automático há anos, somando um filme ruim atrás do outro, até "Mandy" aparecer. Embora seja B (de bruto) até o osso, com litros de sangue a espirrar pelas telas, o thriller sobrenatural de Panos Cosmatos foi ovacionado por público e crítica no 71. Festival de Cannes, onde foi exibido na mostra Quinzena de Cineastas. Sua sanguinolência é gourmetizada por uma fotografia de alto requinte, capaz de valorizar as cores berrantes de sua linguagem de videoclipe até gerar uma experiência sensorial rara. Cage, que vinha em estado de letargia, dá uma performance em estado de graça, doida, selvagem como fazia nos tempos de "A Outra Face" (1997), num tempo em que reinava sob Hollywood.

"Existem sofrimentos em todo personagem e é isso o que

me atrai na arte de atuar: dar voz a essas cicatrizes", disse Cage, lá atrás, em 1996, quando ganhou o Oscar por "Despedida em Las Vegas". Ele retomou o discurso com "Mandy", que ganha uma sobrevida mundo afora depois da boa aceitação de "Longlegs – Vínculo Mortal". Todos querem Cage em papéis enraivecidos.

**Um selvagem  
Nicolas Cage espalha  
sangue pelas telas em  
'Mandy', disponível  
na grade da  
Amazon Prime**

À época da passagem de "Mandy" por Cannes, ele não foi à Quinzena, mas fez um discurso existencialista similar nas sessões

elétrica sedenta pelos coágulos alheios. Falando assim... parece um filme trash... e é... mas um trash de autor, com um requinte plástico que muitos longas-metragens europeus ou asiáticos de Cannes não têm.

"Eu passei toda a adolescência jogando RPG, lendo HQs, vendo filmes B e ouvindo heavy metal. Isso acabou saindo em 'Mandy', brotando de dentro de mim", disse Cosmatos ao público da Quinzena de Cannes, que aplaudiu seu longa umas seis vezes durante a projeção. "Há algo de muito pessoal nesse filme: pois escoo por ele a dor da morte do meu pai. Comecei a escrever o roteiro em 2006, um ano depois que ele morreu".

Morto em 2005, o pai de Panos é ninguém menos do que George Pan Cosmatos, diretor de iguarias do cinema de ação como "Stallone Cobra" (1986), recentemente exibido (e debatido) na Cinemateca Francesa, em Paris. O desenho do personagem de Cage é similar aos dos heróis politicamente incorretos daquele tempo. "Toda loucura que vocês vão ver é parte de uma história sobre a construção de uma deusa. É o que a mulher morta representa para o nosso protagonista. Na morte do meu pai, a ausência de minha mãe, que morreu dez anos antes dele, em 1995, ficou ainda mais forte", disse Panos que faz de Cage uma espécie de Mad Max tragicômico.

Com a recente badalação em torno de 'Mandy', Panos arrumou financiamento para um novo projeto, chamado "Flesh Of The Gods", um terror com Kristen Stewart e Oscar Isaac. Os dois interpretam um casal que se envolve com um grupo hedonista. Quem sabe Cage não faça uma participação. Ele pode ser um dos tipos exóticos que enlouquece Kristen e Oscar.

Paralelamente à carreira de Panos, Cage faz sucesso em festivais do mundo com o thriller "O Surfista", que mostra um pai de família às voltas com uma gangue de brucutus na Austrália.



Divulgação

## Paulo-Roberto Andel

### Meia noite no Brasil

Há um silêncio enorme, mas se compreende: por aqui não há fuzis disparando e humilhando as pessoas. No máximo um ou outro ônibus do início da madrugada.

É meia noite no Brasil, e tusso como se estivesse à beira da morte - eu gostaria, mas ainda tenho coisas a fazer. Não posso morrer agora, tenho muitas dívidas.

Meu amor dorme, como diz uma canção. Mas ele também está espantado feito o crânio de uma vítima das incursões policiais.

[Meu amor dorme ao relento, abandonado numa calçada de uma cidade que despreza e humilha seus habitantes - eu também sou muito humilhado.

Meia noite no Brasil e daqui a pouco um monte de gente lutadora estará de pé, para intermináveis jornadas de trem ou ônibus até o trabalho - e lembro de quando eu era pobre mas tinha direito de cursar uma faculdade pública, com garotos e garotas pobres que hoje desprezam suas origens e namoram Miami - oh, cafonice explícita, Senhor!

[Meu amor está na beira de uma janela, pensando em cair para sempre e adormecer sua dor - mas isso não deixa mais pessoas tristes?

O silêncio da madrugada contrasta a ardência das minhas pernas, enquanto sonho coisas que não quero mais dizer, já que são desprezadas por todos. Sim, nós vivemos a era do desprezo e nossos quadros mais hipócritas têm sempre respostas a respeito na ponta da língua. É uma maneira de relaxar a própria escrotidão.

Meu amor tem os olhos arregalados de medo porque

vê o subsolo da cidade e sabe do sufoco que se trata.

É certo que na Graça Aranha um papelão grande serve de colchão para uma família inteira sem perspectivas, sem ordem nem progresso - são apátridas, odiados por alguns transeuntes, ignorados por terninhos e tailleurs. Não há bolas de ferro nem chicotes nas calçadas, mas todo mundo sabe que, jogados à própria sorte, há muito mais gente preta do que qualquer outra coisa. Os escravos do capitalismo são descendentes dos escravos do colonialismo.

[Meu amor dorme em 1984 ou 1995, tanto faz. Tudo é distância irre recuperável.

Uma solitária motocicleta ronca ao cruzar a Cruz Vermelha. Eu não tenho com quem brincar, voltar a ser criança por um instante, então brinco sozinho e aposto comigo mesmo quando passará uma outra moto.

Eu tenho dores. Muitas dores, há muito tempo, e as carrego como uma mochila pesada - às vezes me alívio.

E acho graça das pessoas falsas que me livre nos últimos anos. É divertido vê-las como se fossem pessoas muito importantes, porque é assim que posam em público, mas sabendo que tudo é farsa e patética aparência. Alguma coisa precisa ter graça. Algumas.

É meia noite no Brasil e minha tosse incessante disfarça meu choro que, cá entre nós, não incomoda ninguém. As pessoas não estão nem aí para isso, pois.

[Quando der uma da manhã, eu morro e renasço na hora do café. Qualquer dia eu volto.

# 'A novelização é estrutural. As pessoas querem ver filmes com diálogos, tudo contadinho'

Dira Paes estreia na direção com filme contemplativo na floresta, estrelado por ela

Por Paula Soprana (Folhapress)

**P**restes a completar 40 anos de carreira, a atriz Dira Paes estreia como diretora em "Pasárgada", um filme contemplativo sobre pássaros, a floresta e o reencontro de uma mulher em desarmonia consigo mesma. A protagonista é Irene, uma ornitóloga vivida pela própria Paes. Exibido no Festival de Gramado, o longa é uma produção conjunta de Paes, Pablo Baião, seu marido, e a produtora Eliane Ferreira, sua prima. A trilha sonora fica entre o canto do passaredo e Fafá de Belém.

A obra foi rodada durante a pandemia, com a equipe reclusa na Mata Atlântica fluminense, precisamente no distrito do Arraial do Sana, em Macaé. Irene participa de um grupo internacional de tráfico de animais e precisa executar mais um trabalho: mapear pássaros, a partir de seus sons, e facilitar a transação dos animais para Dubai. É uma mulher sem vínculos - sofre com o distanciamento que criou com a filha, mas não tenta ou não consegue recuperar esse laço. Seu motivo existencial é o trabalho, até o momento em que vai para Macaé e inicia um processo interno de



Dira Paes e Humberto carrão em cena de 'Pasárgada'

reencontro.

Quem facilita essa autodescoberta é a própria floresta e dois homens locais, os mateiros Manuel (Humberto Carrão) e Ciça (Ilson Gonçalves), que a ajudam na peregrinação em busca das aves exóticas mas desconhecem os reais motivos da investigação. Irene tem atração por Manuel, um personagem rural simples, que fala a "língua das aves", com assovios de todo tipo. Trata-se do primeiro personagem rural de Carrão, já que a filmagem antecede "Renascer", na qual ele interpreta José Inocêncio quando jovem. São personagens muito distintos, aliás.

"Eu queria que ele fosse um ativador das sensações dela, da tropicalidade dela, mas não queria que fosse romântico. Nem sempre é amor, às vezes é só remédio, só uma coisa que a gente precisa tomar", disse Paes em debate sobre o filme.

A obra é contemplativa e intimista, musicada por Fafá somente em algumas cenas em que Irene está sozinha. "A gente quis trazer a observação. Viver o tempo parado é uma coisa que a gente não consegue mais. Eu queria outro tipo de imersão", afirmou. "A novelização é estrutural hoje, as pessoas querem ver filmes com diálogos, tudo contadinho."

Como foi feito na pandemia, a direção explorou as videoconferências, em cenas que não foram editadas. Nelas, Irene conversa com seu chefe ou sua irmã, interpretada por Cássia Kis.

Ela afirma também que tem novos projetos na cabeça, mas que tem muitos roteiros interessantes para fazer como atriz. "Pasárgada", dedicado ao cineasta John Boorman, estreia em 26 de setembro no circuito comercial.

Divulgação



# Uma vida de **coerência**

Musical premiado que narra a trajetória pessoal e artística de Leci Brandão volta a ser encenado em palcos cariocas

**N**ome marcante da música brasileira, compositora e intérprete de mão cheia, Leci Brandão é uma mulher à frente do seu tempo, pioneira em tudo o que tem feito em quase meio século de carreira. Primeira mulher a integrar a ala de compositores da Mangueira, e segunda mulher negra a ser eleita para a Assembleia Legislativa de São Paulo, Leci assumiu a homoafetividade publicamente no fim dos anos 1970, em entrevista ao jornal “Lampião da Esquina”, e, alguns anos depois, rompeu com a gravadora multinacional por não aceitar abrandar as letras contestadoras, uma das marcas de seu cancionário. É autora de sucessos atemporais como “Papai Vadiou”, “Isso é Fundo de Quintal”, “Essa Tal Criatura”, “Ombro Amigo” e “Zé do Carço”.

Para reverenciar a vida e a obra desta artista que este ano celebra 80 anos, o diretor Luiz Antonio Pilar leva o musical “Leci Brandão - Na Palma da Mão”, com texto do jornalista e escritor Leonardo Bruno, para curta temporada no Teatro Ipanema Rubens Corrêa.

O musical ganhou em 2024 o Prêmio Shell de Teatro na categoria Direção, para Luiz Antonio Pilar, além de ter sido indicado nas categorias Ator (Sergio Kauffmann) e Iluminação (Daniela Sanchez). Foi indicado também ao Prêmio APTR na categoria Atriz Coadjuvante (Verônica Bonfim). Os atores Tay O’Hanna, Verônica Bonfim e Patrícia Costa (vai substituir Verônica no primeiro final de semana) interpretam Leci Brandão e sua mãe, D. Leci, e Matheus Dias representa personagens masculinos presentes na vida da cantora, como o líder comunitário Zé do Carço, inspiração de uma de suas músicas mais famosas.

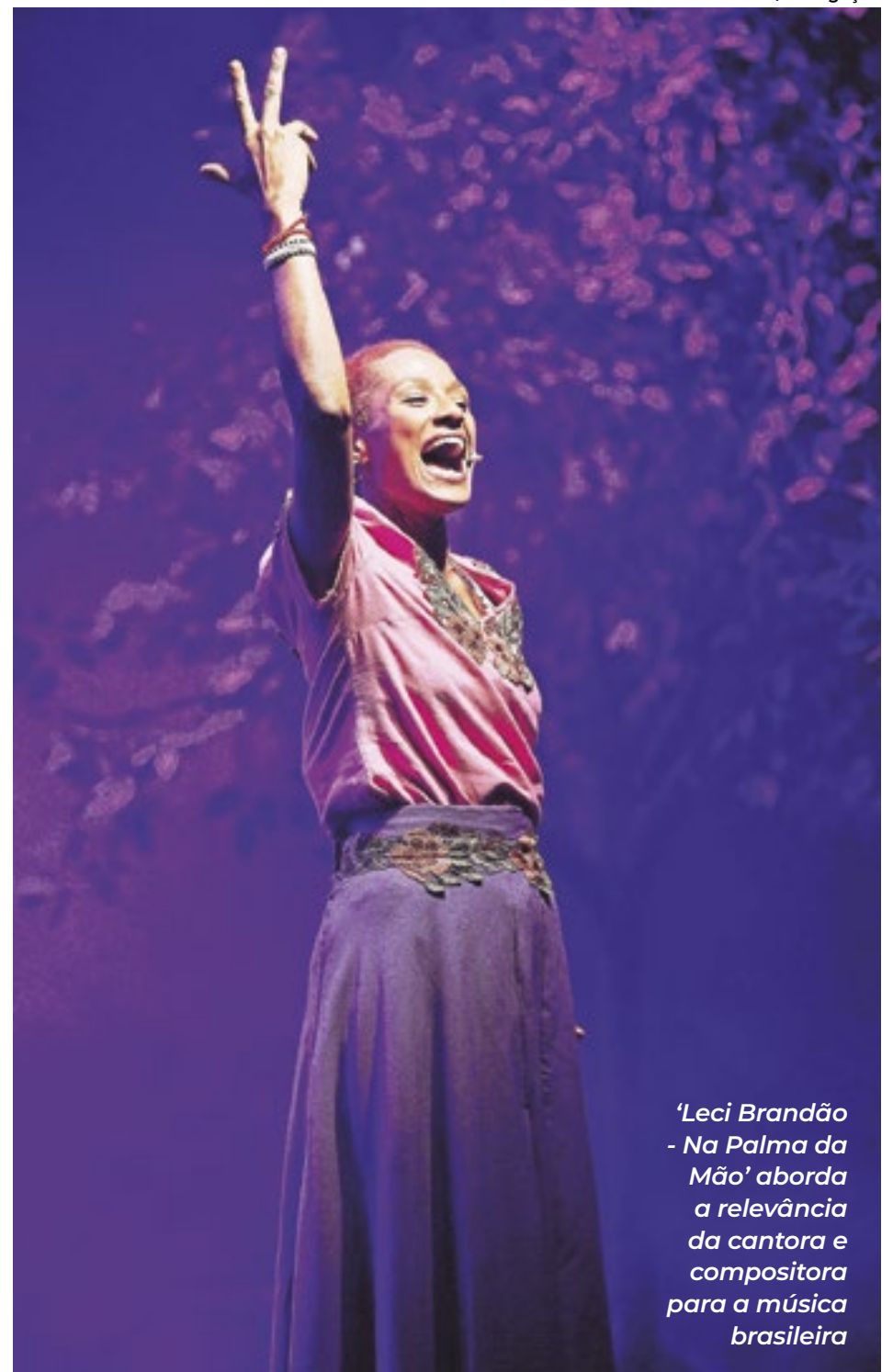
A narrativa é construída a partir da relação entre mãe e filha, muito forte até a morte de D. Leci, aos 96 anos, em 2019. “O espetáculo é contado sob o ponto de vista da mãe, referência maior na vida de Leci. São reminis-

cências dela. No espetáculo, às vezes, a mãe canta canções significativas do repertório da Leci para a Leci. Em ‘Das Coisas que Mãe me Ensinou’, fizemos uma alteração na letra ‘tudo isso é resultado das coisas que sua avó (ao invés de mamãe) me ensinou’: a avó da Leci ensina pra mãe, que ensina pra Leci e Leci deixa seu legado. A ideia foi construir um espetáculo cujo arcabouço mostrasse toda a tradição familiar e religiosa, o respeito e a educação de uma família preta, que a Leci traz”, resume o diretor Pilar.

O texto de Leonardo Bruno marca sua estreia no universo teatral: “Para a pesquisa que eu havia feito para o livro ‘Canto de Rainhas’ (Agir, 2021) já me chamava a atenção como ela era muito avançada para a época. Os cinco primeiros discos, lançados na segunda metade dos anos 70, falam de coisas que estamos discutindo agora – mulheres, negros, LGBT, desigualdade social e por aí vai. E ainda foi corajosa ao romper com a gravadora que queria lhe impor repertório. As letras dizem muito sobre quem ela é, falam da sua história de vida, facilitou muito na hora de escrever”, conta.

Para a montagem do espetáculo, o texto original ganhou adaptação dramaturgicamente feita a seis mãos pelo diretor Luiz Antonio Pilar, a assistente de direção Lorena Lima e a diretora de movimento Luiza Loroza.

A simbologia do Candomblé, muito presente na vida da artista, é um dos fios condutores da dramaturgia. Filha de Ogum e Iansã na religião africana, Leci passou cinco anos sem gravar desde que se afastou da Polygram, por não aceitar reescrever suas letras. Em uma consulta às entidades no terreiro, ouve que tudo ficará bem. Ela assina com uma gravadora nacional, grava um disco com seu nome e estoura. Em agradecimento, todos os seus discos a partir de então tem uma saudação a um Orixá. “O espetáculo está estruturado dessa forma. A primeira saudação é para Exu, para abrir os caminhos. A todo momento es-



*‘Leci Brandão - Na Palma da Mão’ aborda a relevância da cantora e compositora para a música brasileira*

ses Orixás vêm e assim vamos alicerçando a cena”, explica o diretor.

Grande parte dos 17 números musicais do espetáculo são composições de Leci Brandão, como “A Filha da Dona Leci”, “Ombro Amigo”, “Gente Negra” e “Preferência”. Outras, como “Corra e Olhe o Céu”, de Cartola, e o samba-enredo mangueirense “História pra Ninar Gente Grande (campeão de 2019), são significativas na trajetória da artista. Além do trio de atores, que também canta, estão no palco quatro músicos que tocam ao vivo – Matheus Camará (violão, clarinete e agogô), Thainara Castro e Pedro Ivo (percussão) e Rodrigo Pirikito (violão, cavaquinho e xequere).

“Eu trouxe para fazer a direção musical o

Arifan Junior. É uma figura onipresente nas rodas de samba da cidade e tem feito com o Awurê um resgate muito importante dos sambas religiosos, de reafricanizar o samba, mas também para dar um caráter mais orgânico e verdadeiro à parte musical, trazendo o clima de uma roda de samba real, com menos rigor e apuro, como em geral é visto nos musicais”, explica Pilar.

## SERVIÇO

LECI BRANDÃO - NA PALMA DA MÃO  
Teatro Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes, 824)  
De 23/8 a 8/9, sextas e sábados (20h) e domingos (19h)  
Ingressos: R\$ 30 e R\$ 15 (meia)



## NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

Cred Diana Cabral/Divulgação



### Haru com novidades

O premiado restaurante japonês Haru Ichiban completa 10 anos com novidades. Além da melhor carta de sakês do Brasil e dos peixes e receitas absolutamente incríveis, a casa criou um menu comemorativo para ocasião. Os novos pratos podem ser saboreados no sushi bar pet friendly localizado no térreo ou no novo espaço de omakase diferenciado. A nova sala agora se chama Umai e comporta apenas 10 comensais atendidos por uma equipe distinta. Reservas: (21)

Divulgação



### O mês é das ostras

O Yujo da Barra da Tijuca promove até o fim do mês seu Festival de Ostras, com receitas criativas do chef Marcelo Yamasaki, que trabalhou nos melhores japas da capital paulista. Ostras Yujo - temperadas no ponzu, finalizadas com ovas de salmão e cebolinha; as Ostras furai - ostras empanadas na panko com molho tonkatsu; as Ostras gratinadas - ostras com sakê e manteiga trufada; e as Ostras marinadas - ostras no molho cítrico com cebola roxa, pimenta Cambuci e tomate cereja. Todos os pratos são apresentados com 2 unidades cada.

Divulgação



### Fondue à brasileira

Durante o Mundial de Queijo, realizado no início do ano em São Paulo, Manu Mello teve sua receita de fondue eleita como a melhor do Brasil. Com formação na escola francesa Alain Ducasse e dona de um excelente serviço de buffet, ela optou por adaptar a receita original francesa usando queijos brasileiros e um toque de cachaça, mais brasileira das bebidas. O Fondue Manu Mello será levado para o campeonato mundial de fondue, a ser disputado em 2025, na Suíça. A receita pode ser encontrada no perfil da chef no Instagram (@chefmalumello).

## FERNANDO MOLICA



*"Em meio a tantas fake news, o jornalismo ganhou uma importância ainda maior ao fornecer informações corretas e análises que ajudam o leitor a tomar suas decisões."*

Fernando Molica

Carioca, jornalista e escritor, trabalhou em publicações como 'Folha de S.Paulo', 'O Globo', 'O Estado de S.Paulo' e 'Veja' e na TV Globo, CNN e CBN. Recebeu, entre outros, os prêmios Vladimir Herzog e Embratel de jornalismo. Autor de nove livros, entre eles, seis romances, é botafoguense e mangueirense.

No 'Correio da Manhã', Fernando Molica é responsável por duas colunas diárias: um artigo de opinião que trata de cultura e política e o Correio Nacional, que traz em forma de notas curtas, informações exclusivas sobre política, administração pública e universo empresarial.

Correio da Manhã

Correio Petropolitano

Correio Sul Fluminense

*"Democracia e liberdade de expressão são o oxigênio do jornalismo. O jornalismo não sobrevive sem elas"*

Rudolfo Lago

Formado pela Universidade de Brasília, Rudolfo Lago tem 37 anos de profissão, especialmente na cobertura de política. Responsável por furos como o dos Anões do Orçamento e a série de reportagens que levaram à cassação do ex-senador Luiz Estevão. Vencedor do Prêmio Esso, entre outras premiações.

No Correio Político, o leitor conhecerá os meandros, os bastidores, do poder em Brasília, na Esplanada dos Ministérios. Histórias que ajudarão a entender por que as decisões são tomadas ou não nos três poderes da República.



## RUDOLFO LAGO